

[ARTIGO]

O ensino e a afirmação da identidade de estudantes negros de uma escola pública de ensino médio integral, na cidade de Mossoró/RN

Maysa Almeida e Almeida¹
Sandra Maria Campos Alves²

INTRODUÇÃO

No âmbito da educação para as relações étnico raciais, percebemos que existe um processo que está a caminho, onde a educação tem buscado superar uma perspectiva colonial eurocêntrica e promover uma mudança em direção decolonialidade, e esse processo reflete diretamente nas relações identitárias dos estudantes negros.

No campo normativo educacional, conquistas adquiridas, em processo de consolidação, demonstram vitórias de lutas que foram travadas só longo de séculos, de maneira especial, pelo movimento negro, e que se materializam por meio de leis, como a Lei 10.639/03 e normas, bem como através da construção curricular que busca superar um racismo epistêmico.

Diante dessas transformações em curso e das novas perspectivas de ensino, buscamos compreender como o ensino pode ou tem colaborado para o processo de fortalecimento das identidades negras nos estudantes e

¹ Mestre em Ensino pela UERN. E-mail: maysaadvogada2@gmail.com

² Doutora em Agronomia pela USP e docente do IFRN.

para dar conta dos objetivos do artigo, analisaremos as narrativas autobiográficas de estudantes negros da Escola Estadual Dix Sept Rosado, do ensino médio integral.

Este artigo está organizado nas seguintes seções: inicialmente discutiremos Identidade História e Memória na perspectiva das Ciências Humanas, em seguida faremos uma breve discussão sobre identidade negra, em seguida faremos a análise das narrativas autobiográficas que são o corpus da pesquisa; por fim faremos breves considerações acerca da análise dos dados e da temática abordada.

IDENTIDADE, HISTÓRIA E MEMÓRIA NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Identidade tem sido pauta dos debates nas ciências humanas, isso porque, podemos perceber na contemporaneidade um processo de crise, que tem sido fruto de um longo processo através do qual foram construídas e destruídas estruturas identitárias, a partir do deslocamento das estruturas centrais. Vivemos hoje a *identidade do sujeito pós-moderno*, que não tem uma identidade fixa, definida historicamente, em que os indivíduos vivenciam esse complexo processo, fruto da globalização; que rompe fronteiras, redefine características temporais e espaciais, e gera tendências contraditórias entre o global e o local. (Hall, 2009)

Em contrapartida, como uma reação, ou contratendência ao processo de globalização, também percebemos, na contemporaneidade uma dinâmica de fortalecimento das identidades locais, no qual os indivíduos se sentem impulsionados a buscar se reconectar a algo e pertencer a algum grupo, e, nas últimas décadas, grupos que buscam reconstruir as identidades culturais e raciais, demonstrando o emergir de uma nova fase de “resgate” étnico das raízes identitárias. (Munanga, 2018)

Há uma grande complexidade ao se falar de formação da identidade, tendo em vista a multiplicidade de fatores e atores que colaboram para esse processo, mas queremos destacar aqui uma das várias perspectivas, da identidade como fruto da interação presente, e ao mesmo

tempo a identidade como herança de todo um passado de uma cultura ancestral, identidade que invoca uma origem e um passado histórico, com o qual mantém correspondência, como enfatiza Hall (2006).

A identidade vista sob o prisma da interação presente passado nos remete a história e a memória, e nos leva a refletir sobre a importância da relação do indivíduo com seu passado para a construção da sua identidade, percebemos então a relevância do ensino de história, enquanto ciência humana e social, como instrumento através do qual se pode garantir, numa perspectiva de uma educação para as relações étnico raciais, o acesso à memória, afirmando-o como direito, como parte da cidadania cultural e da constituição de identidades individuais e coletivas.

Le Goff (1990) afirma que “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (p. 478), a história alimenta nutre, sustenta e preserva a memória, seja ela individual ou coletiva, para que possamos fazer uso nos nossos dias atuais, para que ela possa nos servir.

A construção da identidade perpassa o conhecer e o fazer conhecer as origens e raízes, sedimentando uma formação identitária ainda inconclusa, desta maneira, podemos entender que as ciências sociais e humanas assumem papel preponderante, no contexto educacional, no que diz respeito à construção e o reconhecimento de si e de seu passado, no processo de formação identitária.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), já apontam a possibilidade do ensino de História contribuir para a construção dos laços de identidade assim como nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), podemos encontrar no capítulo dedicado às Ciências Humanas e suas Tecnologias uma ampla discussão a respeito da importância da disciplina de História, como instrumento que oferece condições para os estudantes refletirem criticamente sobre suas experiências, oferecendo um contraponto que permita ressignificar suas experiências no contexto e na duração histórica da qual fazem parte.

A Base Nacional Comum Curricular (2017), na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia, propõe para estas disciplinas o objetivo de uma educação ética, tendo como fundamento a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, o combate aos preconceitos e a consolidação da consciência do eu, com o propósito de promover o respeito às diferenças.

A importância do ensino de História é bem destacada nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio e deve garantir, desta forma, o acesso à memória e à ancestralidade dos povos que compõem a nossa cultura. Segundo o documento:

O estudo da África e das culturas afro-brasileiras, assim como o olhar atento às culturas indígenas, darão consciência à compreensão da diversidade e da unidade que fazem da História do Brasil o complexo cultural que lhe dá vida e sentido (Brasil, 2006, p. 77-78).

Os PCNs ainda ressaltam o compromisso fundamental da disciplina na sua relação com a memória, afirmando o direito à memória como parte da cidadania cultural e da constituição de suas identidades individuais e coletivas.

Desta forma, entendemos que as normativas já apontam para essa responsabilidade da disciplina bem como do ensino de forma mais ampla, com a promoção de uma educação que favoreçam a formação dos indivíduos e de sua identidade, entendemos ainda que as normativas demonstram esse processo de transição de uma educação colonialista eurocêntrica para uma educação cujas normas já ditam as diretrizes para a construção de uma educação decolonial, e uma desobediência epistêmica segundo o pensamento de Magnolo (2010).

Buscaremos então, compreender de que forma essa educação pode influenciar nos processos identitários dos estudantes negros, qual o peso que o ensino tem nesse caminho de formação da identidade desses estudantes.

A ESCOLA E A IDENTIDADE

A escola é um espaço de grande relevância na formação da identidade, pois é um dos primeiros ambientes onde iniciam a interação entre sujeitos diferentes, fora do seu núcleo familiar, e é lá onde há o encontro com diversas culturas, costumes a partir dessa interação e com a mediação do professor.

Dentro desse contexto, do espaço escolar, existem diversos aspectos, partindo do currículo, perpassando pela prática pedagógica, auxiliados pelos materiais didáticos, que juntos e coordenados podem convergir para a efetivação de uma educação antirracista.

Gomes (2005) destaca, dentro desse processo de formação da identidade negra, a importância do ensino com destaque a colaboração do professor nesse processo. ela afirma que os professores devem construir práticas pedagógicas que promovam a igualdade racial e rompendo com o silêncio diante dos preconceitos e discriminações raciais, a autora destaca a necessidade da formação dos professores e da importância da apropriação dos conhecimentos sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, como meio pelo qual se pode superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial.

No que diz respeito a política curricular, podemos identificar conquistas em relação à questão étnico-racial, que ganha ainda mais força na direção da decolonialidade onde a mobilização dos grupos passa a conquistar um lugar nessa própria política.

Para Gomes (2002, p. 40) afirma que “a escola é vista [...] como uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade.” Por isso, é necessário romper com os olhares preconceituosos que os negros se deparam na escola, olhares que estigmatizam seu pertencimento racial, sua cultura, história, corpo e estética, olhares que se chocam com a sua própria visão e experiência da negritude.

Apesar da construção da identidade do indivíduo negro não se reduzir apenas à escola, e tendo em vista que a educação não se limita à escolarização e acontece em diversos espaços sociais, como, nos deteremos aqui em buscar compreender o acerca da construção da identidade dos estudantes negros, estudando sua relação com o contexto escolar, compreendendo a constituição dessa identidade e a contribuição da escola nesse feito, o que buscaremos por meio das suas narrativas autobiográficas.

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS SOBRE A ESCOLA

As memórias e histórias das estudantes negras da Escola Dix Sept Rosado, foram obtidas com a aplicação do percurso metodológico da história oral e da coleta de dados por meio das entrevistas narrativas, foi feito a análise de conteúdo por meio do qual buscamos identificar padrões, temas ou categorias relevantes e criar as categorias. Após a codificação e categorização, os resultados foram tratados e analisados, buscando significados e interpretações que respondessem às questões de pesquisa ou hipóteses levantadas na pré-análise. (BARDIN, 2016).

Foram escolhidas três alunas, que reconheci como as que mais se destacam e protagonizam as principais ações da escola, engajadas nos projetos escolares no que diz respeito às discussões étnico-raciais, principalmente nas ações do Dia da Consciência Negra, identificadas na pesquisa como Aluna A, Aluna B e Aluna C.

Quadro 01 – Memórias escolares

Aluna A	“Acho que no meio escolar a maioria dos professores não ligava muito pra isso, e principalmente a escola não apoiava, tudo mais e tinha as questões de racismo que a gente levava pra coordenação e não adiantava de nada”.
---------	---

Aluna B	<p>“Na escola teve uma apresentação, que todas as meninas tinham que ir com cabelo liso, só que meu cabelo era muito crespo, e toda vez alisava meu cabelo, ficava totalmente diferente dos das outras meninas, e ficavam fazendo chacota brincadeira sem graça, por conta do meu cabelo, [...] impõe um padrão totalmente do nosso”.</p> <p>“Minha autoestima não era muito legal, só que tinha uma professora minha que gostava muito de mim e me ajudou bastante porque, ela meio que me impulsionava a me arrumar a me ajeitar, e começar a se sentir bem comigo</p> <p>mesma, ela me ajudou muito”.</p>
Aluna C	<p>“Também tive um bom processo de aprendizado sobre negritude quando eu fiz o nono ano com um professor específico, de português, ele tinha um posicionamento muito bom sobre o assunto, e contribuiu para o meu processo de afirmação”.</p>

Fonte: Autoria própria (2024).

Entre as memórias escolares das entrevistadas, percebemos, entre outras coisas, que em algumas escolas onde estudaram não havia um debate acerca do tema e que, em alguns casos, havia omissão por parte da escola, que contribuía para perpetuar condutas de racismo e contribuir indiretamente para o sentimento de desamparo dos alunos negros frente às situações de racismo.

A escola, desta forma, pode ainda figurar como um espaço de reprodução do racismo e de padrões de beleza excludentes, como se percebe na fala de uma das alunas, o que corrobora o pensamento de Gomes (2003), ao afirmar que existem diferentes e diversas formas e modelos de educação, e a escola pode ser entendida como um importante espaço no qual também se desenvolve o tenso processo de construção da identidade negra, onde, muitas vezes, o negro e seu padrão estético são vistos de

maneira positiva. Porém, na maioria das vezes, o campo educacional não tem privilegiado a discussão sobre a identidade negra.

Apesar de identificar nas falas memórias em que a escola é vista como um lugar de reprodução do racismo, percebemos que nas memórias escolares recentes já podemos perceber posturas e ações no âmbito escolar que buscam a construção de uma escola mais diversa e menos racista.

Para Sousa (1983) existe uma conexão fundamental entre o racismo e os efeitos que ele tem na saúde mental das pessoas negras, pois o racismo internalizado pode levar a sentimentos de inferioridade, auto ódio e ansiedade, prejudicando a construção de uma identidade positiva. Isso cria barreiras para a autoaceitação.

Desta forma percebemos ser essencial e urgente a construção de um ensino que promova um maior letramento racial. Há, portanto, a necessidade do letramento racial ser promovido na educação, tanto nas escolas, como nas universidades, lugares que devem desempenhar um papel ativo na formação de cidadãos racialmente letrados, por meio de currículos que incluam a história da escravidão, as lutas dos movimentos negros e a análise crítica das relações raciais no Brasil.

Em outras falas, as alunas destacaram a importância de atividades nos conteúdos curriculares e extracurriculares, sobretudo na disciplina de História, frente à falta de uma formação familiar. É dever da escola promover uma educação para as relações étnico-raciais e os próprios alunos percebem a importância da escola nesse processo, como podemos ver nas falas abaixo:

Quadro 07 – Formação curricular e extracurricular

Aluna A	<p>“Eu acho bastante interessante, ajuda conscientização, traz filmes referentes a isso, apresentações sobre pessoas pretas que foram importantes na história, então isso ajuda a pessoa se aceitar, que a gente não pode deixar se abater. Participação colabora porque a gente reconhece a própria cultura que as vezes é negada até mesmo pela própria família”.</p>
Aluna B	<p>“Hoje a escola sempre traz, filmes referentes a isso, ajuda a pessoa se aceitar, ajuda na identificação e conscientização, apresentações sobre pessoas pretas que foram importantes na história, ajuda a pessoa se aceitar”.</p> <p>“Dentro da escola esse assunto é muito abordado no teatro, fora da escola nunca participei”.</p> <p>“No caso do ensino médio aqui no colégio, teve mais esse aprofundamento pelo fato de ter o teatro, da gente poder se expressar melhor...”.</p>
Aluna C	<p>“Sobre a matéria de história, com toda certeza devia, e eu acho que a importância disso é a representatividade que isso ia causar para outras pessoas negras, e não só mostrar que nosso povo foi escravizado, mas mostrar a cultura que eles tinham antes, o que eles construíram depois, mostrar a representatividade, sobre tantas coisas lindas que tem, mostrar o lado bom do povo preto”.</p>

Fonte: Autoria própria (2024)

As alunas reconheceram a importância das atividades desenvolvidas na escola com o uso de recursos audiovisuais para discutir questões raciais, bem como atividades teatrais, que, segundo elas, ajudam muito mais no processo do que os conteúdos curriculares propriamente ditos.

As memórias dos primeiros anos escolares são marcadas por algumas experiências negativas, nas quais a escola funcionou como

reprodutora do racismo. Percebi, contudo, que na memória recente dessas alunas há uma evolução no que diz respeito a uma educação que discute e que conscientiza, mesmo que seja por alguns professores pontuais, e com destaque para disciplinas específicas, como Português e História.

Desta forma podemos inferir que já há um processo em curso, um processo que já se concretizou no âmbito legal, mas que precisa caminhar em direção de uma efetivação e aplicação prática do que está previsto nas normas e parâmetros, fazer sair do papel, e lutar para que de fato a educação tenha como compromisso a igualdade racial, e a valorização da cultura afro e afrobrasileira, e que por meio desse processo, possa colaborar com o fortalecimento e a consolidação das identidades negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discursões acerca do que foi versado no longo da pesquisa, não a tornam conclusa, mas antes instiga uma discussão bem mais profunda acerca dos processos identitários, as reflexões hora apresentadas de forma a apontar para o muito que ainda temos que pesquisar, e o muito que ainda temos que lutar na busca pela concretização de uma educação para as relações étnico raciais, e a busca por uma sociedade sem desigualdade racial entre bancos e negros.

Entendemos com a presente pesquisa que, a construção da identidade racial nos jovens negros é um processo complexo e profundamente influenciado por fatores sociais, culturais e históricos. Ela envolve o reconhecimento e a valorização de suas raízes, da ancestralidade africana e da resistência contra as opressões que marcam a história da diáspora negra. No entanto, esse processo também é permeado por desafios, como o enfrentamento ao racismo, à discriminação e à invisibilidade social que, muitas vezes, geram conflitos internos e externos.

Entendemos que a identidade é formada por uma diversidade de fatores, mas alguns fatores podem ser considerados componentes essenciais na sua construção, entre os quais o fator histórico é considerado o mais importante, e tais discussões tem sido pauta dos debates nas ciências

humanas, uma vez que essa tem por principal objetivo refletir e discutir o homem.

Destacamos a relevância do ensino de História como ciência humana e social, cujo compromisso fundamental de garantir o acesso à memória, como peça principal do quebra cabeça da formação de identidades individuais e coletivas.

Tal relevância está destacada em diversos documentos normativos que regem a educação como os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) e a Base Nacional Comum Curricular (2017), onde ambos apontam esta disciplina como instrumento de promoção de uma educação ética, que promove o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, o combate aos preconceitos e a consolidação da consciência.

Ressaltamos, pois, o espaço escolar como um espaço de grande relevância na formação de algumas de nossas múltiplas identidades, sendo ele o espaço onde ocorre a interação entre sujeitos diferentes, provenientes de diversas culturas. Nesse processo, então, resta comprovada a importância do ensino de História para garantir aos indivíduos o acesso à memória e, nessa perspectiva, colaborar para formar e fortalecer as identidades, tornando-se peça fundamental no dentro do contexto escolar.

Desta maneira, podemos entender que as ciências sociais e humanas assumem papel preponderante, no contexto educacional, no que diz respeito à promoção do indivíduo enquanto sujeito, fomentando a construção e o reconhecimento de si no processo de formação identitária.

A identidade racial dos jovens negros é uma construção complexa e multifacetada que sofre influências de diversas esferas: a família, que pode oferecer um suporte emocional e histórico importante; a comunidade, que muitas vezes serve como espaço de resistência e afirmação cultural.

Em especial a identidade negra é um processo muito além do fator puramente biológico, se refere, sobretudo, à capacidade de compreender a importância da sua história, e da história comum que liga os grupos negros,

tomando consciência das condições históricas dos que foram vítimas de inferiorização e negação da sua humanidade (Munanga, 2009).

Percebemos que apesar de todo um aparato normativo que busca a valorização e promoção de uma educação para as relações ético raciais, e a valorização da cultura negra, ainda sobrevive nas escolas condições de reprodução de posturas racistas, visível nas instituições sociais, no âmbito dos espaços educacionais, e a identidade negra, que também é construída durante a trajetória escolar, é tecida em meio a conflitos e do racismo recreativo, prática recorrente em vários âmbitos inclusive no âmbito escolar.

Quanto a importância da escola no processo de formação das identidades negras, percebemos que a escola pode figurar como um espaço de reprodução do racismo e de padrões de beleza excludentes, como se percebe na fala de uma das alunas. A escola foi vista, por vezes como um lugar de reprodução do racismo, mas nas memórias mais recentes percebemos que já se tornam evidentes, posturas e ações no âmbito escolar que buscam a construção de uma escola mais diversa e menos racista, com atividades e conteúdos curriculares e extracurriculares, sobretudo na disciplina de História, que buscam promover uma educação para as relações étnico-raciais.

Percebemos que nessas trajetórias narradas o ensino de História e História da África foi citado, como um dos fatores nos seus processos de autoafirmação, todas reconheceram a sua importância nesse processo, juntamente com os demais fatores, que juntos podem e devem colaborar para a construção de uma educação e uma sociedade livres do racismo e que valorizem e respeitem a diversidade étnica.

Esta forma podemos afirmar, após a presente pesquisa, que sim, o ensino de história e História Africana e Afrobrasileira, tem seu papel de contribuição no percurso pelo qual os indivíduos negros trilham na construção de sua identidade enquanto negros.

Entendemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido, mas já estamos a caminho, exorto aqui os professores, em especial, os professor de história, cientes de sua responsabilidade, para que empunhem a

bandeira antirracista, que tenham como pauta de luta e como objetivo central de suas práticas pedagógicas, a superação do racismo, para que construindo uma escola antirracista, possamos expandir e transformar uma educação em uma cultura antirracista, que abranja e consiga atingir todos os âmbitos sociais. A escola em especial, os professores, devem assumir o protagonismo desse processo. Empenhemos nossas forças nessa causa!

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004b.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a.

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. *História Oral*, Niterói, v. 8, n. 1, p. 11-28, jan./jun. 2005.

ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra medo branco, o negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Parma, 1987.

BALL, Stephen. *Education Reform: a critical and post-structural approach*. Buckingham: Open University Press, 1994.

BARBOSA, M., et al. *Frente Negra: Depoimentos*. São Paulo: Quilombo Hoje, 1998.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 3ª reimpressão da 1ª Edição de 2016. São Paulo: Edições 70, 2016.

BORBA, Marcelo de Carvalho. *Pesquisas em ensino e sala de aula: diferentes vozes em uma investigação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad.: Mariza Corrêa. 9. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 329-

376. 2016.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. CEPPIR, INEP: Brasília, 2004.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.

BRASIL. *Lei nº 10.678, de 23 de maio de 2003*. Cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Presidência da República, e dá outras providências.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília-DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio: Parte IV - Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências humanas e suas tecnologias*. Volume 3. Brasília, 2006.

BRASIL. *Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

BRASIL. *Resolução CNE/CP 01/2004*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União. Brasília, 22 de junho de 2004.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. PARECER CNE/CP nº 003/2004.

BRASIL. *Educação na diversidade: experiências de formação continuada de professores*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. (Coleção Educação para todos).

BRASIL. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*, Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2016.

CAMPOS, Luiz Augusto; BARBOSA, Rogério; RIBEIRO, Jheniffer; FERES JÚNIOR, João. *Relatório das Desigualdades Raciais*. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CAVALHEIRO, E. dos S. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIAS, Lucimar R. Quantos passos já foram dados? A questão da raça nas leis educacionais – da LDB de 1961 à Lei. 10.639, de 2003. In: ROMÃO, Jeruse. *História da educação dos negros e outras histórias*. Brasília: SECAD, 2005. (Coleção Educação para Todos).

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, p. 100-122. 2007.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Brasileiro indaga e desafia as políticas educacionais. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*. v. 11 (Ed. Especial), p. 141-162. 2019.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 21, p. 40-51, set. a dez. 2002.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. 2002. 457 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. In: SILVA, Tomaz T. (org.). Petrópolis: Vozes, 2000.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; Iuperj; Ucam, 2005.

HOFBAUER, Andreas. Ações afirmativas e o debate sobre racismo no Brasil. *Lua Nova*, São Paulo, n. 68, p. 9-56. 2006.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Trad.: Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1990.

LUCENA, Francisco Carlos de. *Negros misturados: um estudo de caso sobre identidades negras em Mossoró-RN*. 2007. 211 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MIGNOLO, Walter. Desobediencia Epistémica. Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Ediciones del Signo, Colección Razón Política. Buenos Aires, Argentina. 2010.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade, o lado mais obscuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, 2017.

MARQUETI, Marilete Terezinha; SÁ, Ricardo Antunes de. A Identidade Docente e o uso das Tecnologias e Mídias Digitais na Escola à luz do pensar complexo. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 17, n. 51, p. 167-183. 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *b: como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MUNANGA Kabengele. *Negritudes: Usos e Sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. MUNANGA, Kabengele. *Origens Africanas do Brasil Contemporâneo: Histórias, Línguas*,

MUNANGA, Kabengele. Passado e presente nas relações África-Brasil. In: JORGE, Nelson. (org.). *História da África e relações com o Brasil*. Brasília: FUNAG, 2018.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo: documentos de uma militância panafricanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Entre máscaras e espelhos: reflexões sobre a Identidade e o ensino de História da África nas escolas brasileiras. *História Hoje*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 29-44. 2012.

PAIS, José Machado e BLASS, Leila Maria da Silva (orgs.). *Tribos urbanas: produções artísticas e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.

PASSOS, Joana Célia dos. *Juventude negra na EJA: os desafios de uma política pública*. 2010. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santana Catarina, Florianópolis.

PEREIRA, Amilcar Araujo. “O Mundo Negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. 268 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

PEREIRA, Amilcar Araujo. “O mundo negro”: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

QUEIROZ FILHO, Alfredo de Pereira. Sobre as origens da favela. *Mercator*, Fortaleza, v. 10.

n. 23, p. 33-48, set. a dez. 2011.

REIS, Maria da Conceição. *Educação, identidade e histórias de vidas de pessoas negras do Brasil*. 2012. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

RIBEIRO, Djamil. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. [2017]. (Coleção Feminismos Plurais).

RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 93- 102.

SÁ, Edmilson Siqueira de. Introdução Conceitual para a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. In: *História da África* (EaD/FH/UFG). Goiânia: UFG, 2014.

SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. Ilustrações: Mateu Velasco. São Paulo: SESI- SP, 2015.

SANTOS, Dyane Brito Reis. *Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa*.

2009. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37. (Coleção Educação para todos).

SILVA, M. O ensino de história da África e cultura afro-brasileira em Goiânia. In: OLIVEIRA, I *et al.* (org.). *Negro e educação: escola, identidades, cultura e políticas públicas*. São Paulo: Ação Educativa/ANPED, 2005. p. 230-241.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUTA, Marivete. *Quando me dei conta de que era branca(o) negra(o)?: um estudo a partir de relatos autobiográficos de estudantes de ensino fundamental*. 2017. Dissertação (Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Ponta Grossa.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico- metodológicas sobre história de vida em formação. *Educação em Questão*, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Abordagem experiencial: pesquisa educacional, formação e histórias de vida. In: *SALTO para o Futuro. Histórias de Vida e Formação de Professores*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância. Boletim 01. Março/2007.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

**O ENSINO E A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE ESTUDANTES NEGROS DE
UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO INTEGRAL, NA CIDADE DE
MOSSORÓ/RN**

RESUMO

Este artigo, fruto de uma pesquisa de Mestrado, cujo objetivo é discutir sobre os processos identitários de estudantes, buscando compreender o processo de construção da identidade negra através da história de vida e da educação de estudantes da Escola Estadual Dix Sept Rosado, na cidade de Mossoró/RN, a partir de suas narrativas autobiográficas. Nesta perspectiva, percebeu-se que a escola tem mudado sua abordagem das questões raciais e contribuído, de modo positivo, para a produção de identidades raciais afirmativas. As análises mostram que apesar de existirem múltiplos fatores que colaboram para o

fortalecimento da identidade negra dos estudantes, o ensino de história tem colaborado de forma considerável esse processo, contribuindo para o acesso a história e a memória de África e da cultura afro brasileira.

Palavras-chaves: Identidades Negras, Ciências Humanas, História e Memória

**TEACHING AND AFFIRMATION OF IDENTITY OF BLACK STUDENTS AT A PUBLIC
FULL-TIME HIGH SCHOOL IN THE CITY OF MOSSORÓ/RN**

ABSTRACT

This article, the result of a Master's research, aims to discuss the identity processes of students, seeking to understand the process of construction of black identity through the life stories and education of students at the Dix Sept Rosado State School, in the city of Mossoró/RN, based on their autobiographical narratives. From this perspective, it was noted that the school has changed its approach to racial issues and contributed, in a positive way, to the production of affirmative racial identities. The analyses show that although there are multiple factors that contribute to the strengthening of students' black identity, the teaching of history has contributed considerably to this process, contributing to access to the history and memory of Africa and Afro-Brazilian culture.

Keywords: Black Identities, Human Sciences, History and Memory